



# Gaiato



Visado pela  
 Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 189  
 PREÇO 1\$

## MARÉ CHEIA

*AQUI há tempos, Júlio comunica que o Carlos, chefe do Lar do Porto, lhe falara na conveniência de uma reunião dos Maiores de todas as casas, para assentar linhas mestras. Eu rejubilei; há muito que guardava no peito esta mesma ideia, agora valorizada pela precipitação dos rapazes.*

*Chamei-lhe imediatamente um humilde ensaio de troca de impressões, e com este título convoquei-o, a que outros, noutras circunstâncias, chamariam um congresso.*

*À noite estavam todos; uma segunda feira. Na terça de manhã, às catorze, celebraram mais eu a missa do Espírito Santo. Este foi o dia das reuniões, em palestras familiares. No casa da mata, houve jantar, feito por um dos nossos cozinheiros, servido pelos nossos refeitores—tudo como nos congressos, só discursos é que não; tratava-se de uma coisa muito séria.*

*Na manhã seguinte, 4.ª feira, tudo desandou para os seus trabalhos.*



**E**IS aqui os congressistas; os homens das linhas mestras. Há deles que são carpinteiros. Há cozinheiros. Há um camponez. Há um engenheiro. Há empregados de escritório. Estudantes do Liceu. Quartanistas da Universidade de Coimbra. Vê-se ali o muito falado Júlio, mais o não menos falado Avelino. Está o chefe da Casa do Tojal. O chefe do Lar do Porto. A todos se deu a palavra. Padre Adriano mais eu, metíamos a colher de vez em quando, mas a ideia provinha d'elles. A forma era d'elles. Obra deles, por eles. Só eles sabem o que querem.

Está feita a primeira demonstração do muito que se pode fazer com o concurso dos rapazes. Que o mundo se digne aproveitar, visto que muitas outras demonstrações se têm feito e estão fazendo, do pouco que se faz sem o concurso deles. E mais nada.

## O NOSSO LIVRO

**C**ONTINUAM a ser verdadeiramente espumantes as cartas que de toda a parte e todos os dias chegam à nossa aldeia, aonde se pede um exemplar. Algumas pedem mais. Isto nota-se, com frequência, no caso de sacerdotes; pastores de almas, ao que parece, que querem dar de comer às suas ovelhas. Há um futuro leitor que manda 500\$ como pagamento de um livro; e pergunta se chega! Trata-se de um homem, colocado hoje na vida, mas que em pequenino, dormia pelas valetas e portais. Estes dedicam particular atenção à Nossa Obra e há muitos deles, disseminados por esse mundo além. Veio aqui há dias um mestre de obras dizer pessoalmente quanto nos estima; ele foi dos caminhos. Há no Porto um industrial que, desde que instalamos o nosso Lar na Rua D. João IV, nunca deixou de nos mandar fazer entrega de pão cozido. Também ele, em pequenino, andou por lá. É preciso ter-se sofrido para amar.

A quinze dias de distância da circular do Júlio, registava o Fernando, antigo Piolho e auxiliar do Júlio, a razer mil pelos nomes. Por este caminho, quando este número sair, havemos de contar por muito mais de mil os que estão à espera do nascimento do livro. Os portugueses da América do Norte já estão apitando. O que farão os da dita do Sul e os da Índia e os de Moçambique e os de Angola e mais e mais e mais;—o que farão?! Pois que tudo seja para maior glória de Deus, isto é, para que Deus seja mais conhecido.

O Júlio anda a ferver; continua a ferver. Arranjou a não pagar frete aos Serviços da C. P. e o papel vem cá ter de graça, transportado por uma camionete de carreira. Os tipógrafos impressores, fazem por semana um ror de horas extraordinárias. Eu cá digo-lhe que não. Que não é preciso estafar o Jacinto, já de si tão fraco. Mas ele atema. Que sim. Temos de trabalhar. Temos de dar o livro pronto no fim de Setembro. E ninguém o atura.

As provas são vistas em primeira mão pelo Avelino. Depois passam para os olhos do Júlio, o qual mas entrega, para limar. Eu não percebo nada da moderna ortografia. Desde que eu veja no que está escrito o sentido que dei ao caso, da letra não se me dá. Nem tenho idade ou tempo de aprender a nova lei de escrita. O Avelino sim. O Avelino é que é mestre. Disse-me ele que está de posse do Tratado Ortográfico Luso-Brasileiro. Eu nem sabia da existência de tal tratado.

Previendo um grande movimento de expedição do livro, fui buscar à comunidade do Porto, para empregar aqui, um dos nossos que estava ali bem empregado. Não o fiz, naturalmente, sem o seu consentimento. Foi um convite, não foi uma ordem; e o rapaz disse que sim. É o Júlio II; ele também se chama Júlio. Trabalha com o Avelino. Tem graça que também o Avelino assim fora convidado e não estão arrependidos de terem deixado os seus antigos empregos. Tão pouco eu de os ter ido buscar.

## LAR DO GAIATO DE S. JOÃO DA MADEIRA

**M**AIS uma Fundação. É um Lar. Não se recebem ali rapazes da rua, muito embora centenas e centenas e centenas deles andem a mendigar por aquelas extensas e fertilíssimas regiões.

Ali só vivem rapazes das nossas aldeias, hoje aptos para o trabalho.

A casa fica situada no Bairro da Saúde. O nome está bem. O sítio é lavado de vento e de sol; e tem horizonte.

Da Casa do Tojal, veio o Manuel pedreiro e d'aquí foram dois carpinteiros que estão actualmente ocupados em trabalhos interiores. Também foram transferidos de Paço de Sousa um cozinheiro com seu ajudante e

mais alguns rapazes com exame feito, à espera de emprego.

Estes estão arroteando o nosso quintal que era mato e dentro em pouco será horta e jardim; e apenas apareça colocação, largam a ferramenta e apresentam-se. Sem trabalho é que não podem estar.

Alguns do Lar do Porto, na ansia de conhecerem a nova fundação, têm pedido para fazer ali o seu fim de semana e eu digo que sim. Contam maravilhas da terra. Entusiasmam os seus irmãos, sobretudo com a notícia de um campo de bola, mesmo à beirinha da nossa casa... Não tarda muito que não haja ali um desafio atestado, com os nossos azes!



**A**RRUMEI tudo em casa, enchi a carteira a mais não e lá vou levado, serra de Valongo em fóra, contente como os passarinhos. Dar! Distribuir! Pregar Cristo Resuscitado!

Entro no labirinto a meia tarde. Quedo a procurar o número de uma porta, indeciso. De ao pé, saem duas meretrizes, a perguntar, respeitosa-mente, se me podem ser de algum préstimo. Chamam pelo meu nome. Aqui é tudo sujo, padre, até os números das portas. Na verdade, o número que eu procurava era ilegível, pela calça. Eu agradei a informação. Ando afeito à gente de má nota, nas ruas mal notadas. Aqui é tudo sujo. Destas duas talvez não, mas d'outras meretrizes, sei que guardamos filhos no quente das nossas casas; que elas podem gerá-los, mas não podem ser mães!

Subi ao derradeiro andar. E' um tuberculoso. Tinha ido ontem a enter-rar, um que naquela maré, acabara de procurar; e é muito possível que me informem na mesma, na próxima visita que faça a este. Estou afeito a estas notícias. Ali é a fonte deste mal. Os Barredos são a origem deste mal. Assim começo a descer, quando oiço e vejo um mundo infantil à minha roda. São vizinhos do mesmo prédio. Todas aquelas crianças, todas, têm aspecto doentio e são muito, muito mais de atender, do que as outras que se vão buscar ó Estrangeiro. Nisto levanta-se uma voz: venha aqui, padre. Era um

quarto interior com janela para o sa-guão. Uma enxerga nua e duas crian-cinhas nuas. Olhe que eles não saem à rua por não terem nada que vestir, foi a maguada notícia de uma visi-nha. Tenha pena. A mãe estava. E' uma rapariga nova. O pai tinha sai-do. Anda ó pé do rio. Como este, quantos não andam assim,—quantos! Oh rio Douro, o que tu levas pró mar!

A mãe dos dois pequenos continua a dar notícias: a nossa vida é tocar, mas a polícia não deixa. Agora estão mais visinhos; é quase multidão. Todos acodem pelos dois nus. Olhe que eles não têm nadinha.

Saio a porta do número indecitrá-vel. As duas juntaram-se outras e ago-ra, são muitas as meretrizes que me espreitam.

Mais labirintos. E' tudo à beira-rio. Um quarto, aonde habitam, pai, mãe e 9 filhos. Pagamos 170\$00 por mês.

Ontem morrera a mãe velha,—tuberculosa; foi ali; padre. Uma en-xerga. Ficamos empenhados. Como se lê muitas vezes em Aqui Lisboa, também esta família da Régua, veio por aí abaixo, à procura de melhor sorte, e deu com a pior. Nove filhos dentro dum quarto, mais os pais...

Sei dum juiz de certa Comarca que muito se incomodou ao ter de julgar um caso de incesto. Era uma família numerosa, dentro dum quar-to muito pequeno... Deus do Céu, eu acredito no Juízo Final!

**E**M vez de chamarmos pelo no-me dos devotos como sempre temos feito, vamos hoje fa-zer um sermão. Fica bem. É da índole das procissões. Sem prega-dores não têm graça nem são com-pletas as procissões.

Irmãos: Nós somos os itineran-tes do Bem que sem pressa de che-gar ao fim, estamos sempre ansio-sos que ou tros se nos venham juntar. Ainda não paramos um instante. Somos o fio d'água que vence e pe-netra e rega e faz produzir; não a torrente. Vós sois os verdadeiros ri-cos do século; o vosso semblante es-conde os jejuns e as privações. O heroísmo interior é uma estupenda ostentação de alegria por ser dom do Espírito Santo.

Vós sois livres. Cada um de vós tem a posse e o domínio do que é seu. Aqui não vão escravos. Ne-nhum conhece nem faz grilheta dos seus haveres.

Gente santa, povo escolhido, ca-da um de vós, irmãos, leva no seio a medida farta que Deus vos tem

feito, pela que fazeis no mundo ao vosso semelhante. Porquanto é na-turalmente impossível, que não te-nham já ido noutras, todos quantos vão nesta procissão. Sois os verda-deiros ricos do século.

No próximo número chamarei por mais herois. Não é um cemitério. Não vamos encomendar mortos. Vamos dar nomes e semear conten-tamento nas almas.

O fornecedor dos maquinismos não nos tira o cuidado da dívida. Não tira. As noites são natural-mente custosas de dormir, sim. Mas espera. Espera que a gente possa cumprir.

## HERANÇAS

**E**U peço aqui a todos os vivos, mais uma vez, que se lembrem da «Obra da Rua» agora ou à hora da morte, mas não depois. Que seja o seu verbo ou a sua mão a dar e não a letra do Notário. Digo isto por uma grande trapalhada que acaba de acontecer na nossa aldeia, a qual teve começo numa pequena herança e terminou na penhora de uma das nossas vacas, que tanta falta nos fazem, pelo leite que estão dando. Felizmente a vaca não foi à praça, mas deu muito que falar.

Eu cá sou contra as riquezas aglome-radas em uma Obra Cristã, que está posta no mundo para bem servir. Elas são o óbice. O tropeço. Pior, a tentação. Não faltariam, mais tarde, os provedores e administradores dos bens, em detri-mento do bem dos rapazes. A carne morta atrai os abutres.

Nunca é demais afirmar; nós começamos a trabalhar há dez anos, sem ter com que mandar cantar um cego. Hoje vamos aqui. Não sei até onde havemos de chegar. Pois bem; nunca nos faltou nada no caminho,—até penhoras!

Nós somos o sinal de JESUS NAZA-RENO. O anjo não deu outro, quando disse aos pastores que fossem ver o Re-dentor:—Pobreza. João Batista, o ho-mem que disse a verdade, não frequen-tou nunca palácios nem quis jamais contratos ou condescendências com os seus moradores. Os Apóstolos, implam-taram o cristianismo na terra, sem tabe-las de emolumentos. Ontem como hoje a verdade vale. Sim; deu muito que falar a penhora de uma vaca. Já há muito tempo que funcionários da Comarca nos vinham visitando com avisos e manda-dos, tendo sido a penhora o remate. É a letra. A letra da lei. A letra mata. Era duma vez um preto num hospital, que lhe deu não sei o quê, e ficou por morto. O médico assim o tomou e no dia seguinte foi a enterrar. No caminho o mor-to estrebucha. Os pretos pousam a ver o que era. Tiram a tampa do caixão. O morto estava vivo. Mas a certidão de óbito dizia que não. Estás morto dizem os seus companheiros. No papel vem a dizer que estás morto; e enterraram-no vivo! A letra mata.

O que me valeu foi o Terreiro de Paço, senão a vaca ia à praça. Ia sim senhor. Mas não foi. Ali é a alma de Portugal.



## DO QUE NÓS NECESSITAMOS

**A**PARECE aqui vezes amiudo uma carta tarjada, com di-nheiro dentro, que diz assim: por alma do meu maior amigo. Que laços fortes não devem ter sido os desta amizade, que nem a morte os quebrou! Quem sabe se, até por causa da morte, eles retomaram hoje mais força do que durante a vida? Mais nove meias cheias de açúcar, de Lourenço Marques. O rapaz que foi ao correio exclamou à entrada do meu escritório; trago aqui bombas atómicas. Acho graça a esta maneira de expedir remessas de açúcar; as meias também se apro-veitam. Mais retirado do Espelho da Moda, uma pancadaria de em-brulhos; era o Morris cheio. Chei-nho. Aqui na Aldeia foi um delírio. Os quatro roupeiros vieram com cestos. Veio o enfermeiro. Vieram os despenseiros. Veio o bibliotecá-rio. Veio o conservador dos brin-quedos e todos tiveram que fazer e que transportar para as suas res-pectivas repartições. Quem levou mais foram os roupeiros. Se não fossem estes dilúvios de roupas, nós

não poderíamos cobrir tanta gente, mesmo com dois teares a produzir, de tantos que temos nas nossas Casas. Deixo aqui uma palavra fervorosa a todas as mães portu-guesas, que de olhar fixo nos seus filhos, também querem olhar para os nossos. Mais de Torres Novas 50\$00 para os Pobres do Barredo. Mais de Vila Nova de Paiva um fato. Mais 20\$00 para fruta do nosso doente. O que ele mais pede são uvas, que ao tempo não tínha-mos maduras e agora já temos. Mais mil escudos de algures. Mais dois dos nossos que foram passar uns dias a Castro Daire, terra aon-de viveram e trouxeram de lá uma carapuçada de notas. Um deles, menos fiel, gastou 50\$00 consigo mesmo. Aqui em casa o compa-nheiro fiel, denunciou-o. Tudo isto é matéria que serve para chamar à realidade. Mais 500\$00 por alma de Ana. Mais do Porto 100\$00 de um dinheiro que me deram. Mais 500\$00 do assinante 13.474. Mais 50\$00. Mais de Coimbra 250\$00 do primeiro ordenado de minha

noiva. Mais 100\$00 de uma doente de um Sanatório, agradecendo as lágrimas que o «famoso» me tem feito chorar. E quem não é capaz de chorar também não é capaz de compreender esta Obra. Mais 100\$ para os pobres do Barredo. Mais 40\$ para os pobres do Barredo, por alma do meu pai. Se eu lá não fosse, ninguém me daria nada. Quem quiser receber tem de primeiramente dar. Mais 100\$ de Estarreja. Mais outro tanto da Póvoa de Varzim. Mais roupas de Vizela. Mais cincoirmãozinhos com algum dinheiro. Há em Lisboa alguém com o marido doente há dezanove anos e que tem de ga-nhar o pão de cada dia e que mal sabe escrever o seu nome e que manda para a nossa obra um mia-lheiro cheinho. Mais 112\$50 do Montepio Geral, do Porto. Mais um senhor que chegou aqui num automóvel modesto, foi-me procu-rar e rapou da carteira e deu-me dez contos. E eu perguntei-lhe se lhe tinha saído a sorte grande e

(CONTINUA NA 3.ª PÁG.)

# VENDA DO FAMOSO

AQUI.  
POR PADRE ADRIANO

LISBOA!

**N**ÃO supunha que havia de causar no Porto tão grande consternação o facto de eu haver suspendido da venda dois famosos vendedores; E tantos foram os ais e suspiros, que os rapazes reassumiram.

Foi um castigo. Nós temos de lançar mão de tudo que seja útil e honesto para castigar e para premiar; ora o jornal é matéria adequada. Foi pelas festas de S. João. O chefe da Casa do Porto, deu 2\$50 a cada um dos vendedores e mandou-os ao palácio ver e gozar as coisas que ali se representavam. Um deles afasta-se do grupo e foi para o poço da morte, que importava em 5\$00. Tanto bastou para que, no regresso à nossa Aldeia, os dez vendedores se apresentassem no chamado meu escritório. Abel e Risonho e Tomar destacam-se do grupo, tomam a palavra e fazem a acusação. O réu, com os olhos no chão, embrulha nos dedos, nervosamente, a boina que trazia na cabeça. Eu cá não disse nada. Acusadores e acusado disseram tudo; uns falando outros calando. Ainda assim, para segurança, ficou em casa uma quinzena; e também lhe foram ditas palavras mui amáveis acerca duma bola deliciosa e carta amabilíssima que o seu amigo Barrosa do Sporting lhe enviou.

Por outras razões também fora suspenso um outro. Foi um castigo. Se não é agora que os chamamos a contas, quando há-de ser?

Quanto ao mais, não há razão de queixa. Os dois que foram substituir os ex-faltosos, portaram-se à altura dos companheiros e a venda em nada desmereceu. Espera-se que os fregueses dos reus se alegrem à vista deles e que a simpatia de todos faça crescer na alma destas crianças o amor da sua própria dignidade.

A continuação das obras do Casal Agrícola, a sustentação dos setenta rapazes desta Casa, a montagem e a manutenção das colónias de Férias de Ericeira, a fundação do novo Lar de Lisboa — são uma constante e indiscutível prova da protecção da Providência a este ramo sul da Obra da Rua

E' certo que não nos poupamos a esforços à procura de meios, pois não podemos estar à espera que o vento nos junte a lenha. Acabamos há pouco de dar a volta às igrejas de Lisboa. A última a responder foi a de S. Sebastião da Pedreira com quase quinze contos. Vamos agora bater as praias de São Martinho, Nazaré, e Costa do Sol.

Por seu lado os rapazes fazem o mais que podem na venda do Jornal. Sobretudo depois que o Pedro isentou da lavagem da loiça aqueles que despachassem mais de cinquenta exemplares, todos se batem fortemente. Quem diria que estava no fundo dum prato sujo, o segredo da venda do Famoso?... Só eles descobrem coisas destas.

Os agricultores também revolvem constantemente a terra para que ela nos baste quanto possível. Dez toneladas de batatas, quatro de trigo, duas de cevada, seis de milho, fora o que se consegue enviar para a praça da Ribeira, tudo isto influe favoravelmente no equilíbrio das nossas finanças.

Mas muito mais é o que resta para a Providência preencher. E preenche, como a resenha seguinte dirá.

A lista dos Benfeitores abre com 1.000 dum senhor da Suissa, dos Produtos Sandoz. Segue-o um Rapaz da Amadora com a décima parte desta quantia, proveniente do aumento do ordenado. Sempre que o ordenado sobe, sobe também o moço até nós, com o excedente. Já é a terceira ou quarta vez. Depois vem uma escola de Lis-

boa com 105 duma colecta entre as pequenas alunas.

No Montepio cresce o número dos depositantes. A lista foi agora enriquecida com um cheque de 14.400\$ do S. Jorge.

Todos os progressos da técnica moderna, no que diz respeito ao cinema, estão concentrados no S. Jorge. Quem não viu, vá ver e admirar. Dizem que a técnica não tem alma. S. Jorge é um desmentido.

E' pena que o progresso não chegue também às barracas. A' quella «Figueirense» que nos vem remetendo mensalmente 50\$00 do seu ordenado e que deseja informações das Comendadeiras, envio as últimas notícias. O pequeno Mário apresentava-se desta vez com um bê-bê infezadinho nos braços. Veja, senhor conde, (a quinta deve ter pertencido a algum conde para ser tão vulgar ali aquele vocativo.) as pernas deste menino — dizia ele.

E mostrava as pernas da criança mais delgadas que as duma galinha

Coisa inédita foi a iniciativa dum sacerdote que veio trazer o produto dum peditário feito por ele no templo onde preside ao culto. Além de 600\$ que nessa ocasião conseguiu juntar, entregou mais dez mil deixados por N. N. no escritório onde trabalha.

Mais roupas usadas enviadas pelo correio, outras deixadas no Montepio ou trazidas pelos visitantes. Dos mesmos mais uma aliança e medalha de ouro.

No Banco, por carta e vales do do correio, 30\$, 50\$, 20\$, 130\$, 250\$, etc., etc. Nós vamos cumprindo o mais escrupulosamente possível os pedidos que acompanham estes donativos.

Na Ericeira muito se tem recebido por causa do Sapo. Em Bucelas também muitas coisas por causa do anjinho. Em Lisboa infinitas bugigangas por causa de quantos de lá têm vindo: camas, facas e garfos (dusentos e tal só duma vez) máquinas de escrever, pipas, maquinetas das mais variadas espécies.

Melhoramento de inestimável valor foi a montagem duma clínica dentária. Um dos melhores Especialistas de Lisboa, tinha posto a sua ciencia ao serviço da Casa. Todos os sábados aparecia com a malinha cheia de utensílios e injecções. Com que carinho tem tratado da boca de cada um deles!

Faltava aparelhagem própria

Uma circular a alguns Depósitos de Material Dentário, levou-nos a descobrir valiosos amigos. Se M. Coimbra mandou apetrechos no valor de quatro mil e tal escudos.

Produtos Lácteos continuam a bater o próprio record; o mesmo vão fazendo os empregados da Vaccum. Sacor voltou à carga com 200 litros de petróleo que os fogões de cozinha e os motores de rega devoram sôfregamente.

Mais objectos de alumínio, da Granja, e outros artigos de culto; 100\$ do G. R. de Mercaria; 50\$ da Junta de Arroios. Tudo somado perfaz a conta de 48.760\$00. Não é em vão que se confia na Providência.

— De quem é esse menino?

— É da minha irmã.

— Mas não se alimenta?

— Não; a minha irmã não ganha nada, também não come quase nada e secou-lhe o peito...

Calei-me porque não tinha com quem desabafar. O tугúrio, a doença, a fome, e o mais que eu não digo, revolveram-me o fígado e saí mais varado do que nunca.

Mais além uma pobre paraltica, tendo por abrigo uma casota de lona carcomida, com um metro cúbico de capacidade, guardava, outra criança, enquanto a mãe tinha ido em busca do alimento. Citemas-a última palavrado progressos; casotas-a última palavra do retrocesso. Tenho encontrado verdadeiras creches de crianças de peito entregues a tuberculosas. É o cúmulo. Ele é tão fácil, bonito e lucrativo fundar lares e colégios para meninas ricas...

Estamos no século do dólar, quem não tiver dólares, outro remédio não terá sendo suportar dolores. Por isso creio firmemente na Justiça do Além!

Mas vamos à frente. Os rapazes da nossa conferencia exultavam com a oferta duma rica pulseira de ouro com mais de trinta gramas. E' a consagração dos seus esforços a favor dos Pobres. O ouro ao serviço da pobreza!

Temo-os ouvido falar apaixonadamente dos seus protegidos mas como agora, nunca. Mais cinquenta escudos para o mesmo fim, com pedido de orações.

Mais jóias em Arroios e S. Sebastião da Pedreira.

É perigoso aparecer nas igrejas em dias de peditário sem dinheiro: as jóias é que o pagam. Só em Fátima apareceram sete delas na bandeja.

## O NOSSO ANO ESCOLAR

**V**ISTO como os crónistas das outras casas falam hoje desta matéria, eu não poderia passar em branco o resultado dos exames da Aldeia. Fizeram as suas provas da 4.ª classe quinze rapazes do Professor Nunes, quatro dos quais distintos. O Norberto foi um deles. Ao chegar a casa, berrou-me: ganhamos 4 a 3. Ganhamos ó Snr. Prof. Arlindo 4 a 3. Fiquei sem saber aonde o rapaz queria chegar e ele explica: o ano passado o Professor Arlindo teve 3 distin-

ções e este ano o Prof. Nunes teve 4. Quatro a três. E sem a bola nada feito.

Perto de quarenta deles fizeram a 3.ª e passaram para a 4.ª. Muito terá que fazer o professor que deles tomar conta. Os quinze laureados disseram-me por escrito o que pretendiam seguir. Tenho comigo a carta de cada um. Alguns já foram colocados de acordo. Felizmente que estamos de posse do novo Lar de S. João da Madeira aonde muitos destes rapazes hão-de dar com a sua vocação.

## DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Continuação da página anterior

le disse-me que não. Depois do que, meteu de novo a carteira no bolso, pega no volante e foi-se embora. Deus o ajude. Pouco tempo depois e dentro do mesmo dia, aparece aqui na aldeia um famoso Buick, pintado de verde que com dificuldade deu a volta, de grande

que era. Trazia um senhor muito gordo e muito repimpado que me deu dez tostões.

Nós precisamos de tanta coisa e de tanta coisa que eu acho melhor não pedir nada e aceitar tudo quanto vier. Até dez tostões.

# ISTO É A CASA DO GAIATO

**R**ISONHO anda com uma queimadela, em riscos de não poder ir à venda. E ele faz falta se não for. Se formos a meças, Risonho não fica a dever nada ao mais popular dos vendedores. Mas vamos á queimadela. Foi o caso que andando ele a ciceronar, entrou mais os senhores nas oficinas de ferreiro, aonde estava um ferro quente, sobre o qual pôs o pé e queimou-se. Uma queimadela. O que vale é que tínhamos cá remédio das queimadelas, das bichas da festa de S. Pedro.

**O**NTEM levantou-se grosso chinfrim no refeitório dos médios. Levantei-me do refeitório dos grandes e fui ver. Tinha sido questão de chefes. Nenhum dos três chefes da Aldeia estavam presentes quando foi da entrada dos rapazes e eles sem o chefe, não entram. Mas o Armando do torno que já foi chefe e agora não é, mandou entrar. Mandou e tornou a mandar e tornou a mandar; e os rapazes não fizeram caso e apuparam-no. O chinfrim era a apupadela: fora o armante. Outro caso: passava das dez e meia da noite quando eu, de onde estava, oiço barulho no andar fundeiro da casa quatro. Não eram horas nem é costume. Nisto sinto passos de rapazes que vêm ao meu encontro e explicaram que o chefe deles não estava e não tinham quem lhes visse os pés e não se podiam deitar. Dou aqui estas notícias para que se veja como nós somos e vivemos vida caseira, sem ser preciso recorrer a estrangeiros.

**O**S nossos pequenos compositores da Tipografia, costumavam dar muito trabalho ao Júlio, por insubordinados. Eles são seis. Eu era às vezes chamado a intervir e fazia um grande sermão, mas pouco adiantava; e as queixas do mestre

compositor reviviam. Muitas vezes Júlio mais eu conversamos acerca destes dolorosos incidentes e eu andava desanimado com o porte dos rapazes. Convém repetir que os mestres das nossas oficinas, são estranhos à ordem e disciplina dos nossos rapazes, tendo de recorrer aos respectivos chefes em caso de necessidade. Esta é a doutrina. Andava desanimado, sim. Eis senão quando Júlio teve uma ideia luminosa: reuniu a tropa, disse-lhes que o Padre Américo andava farto deles e que ele, Júlio, também andava fartinho. Que deviam escolher e dar-lhe por escrito o nome do rapaz que seria daí por diante o seu chefe. Os compositores reuniram-se, conversaram entre si e deram o nome do Cândido. O Cândido dos Guindais. Resultado: as queixas diminuíram. Júlio faz as suas ausências do costume, marca trabalho e à chegada encontra tudo em ordem. Que o Júlio

não se fie absolutamente. Os rapazes hão-de necessariamente ser o que são até chegarem à idade madura. Mas há uma coisa que fica de pé, a saber; o rapaz gosta muito mais de ser governado por um dos seus do que por um estranho.

**O**NTEM houve aqui um tribunal especial, pela categoria do réu. Apenas os três chefes maiores formaram juízo; eu estava por mero observador. Primeiro falou um, que demorou a passar de 10 minutos. O seguinte toma a palavra. Foi mais breve, mas não menos contundente. Vem o terceiro. O réu não levantava sequer os olhos do chão. Levantei-o eu: fala. Defende-te.

—Não me posso defender; os chefes têm razão. Se antes eram irmãos,

agora mais. A justiça nunca fez laços nem deixou jamais rastos de inimizade.

**O** Presidente está de cama. É uma criadela. Tem sido ruim de curar. Às horas de comer, Presidente senta-se no peitoril da janela de prato na mão e pernas ó dependuro. Eu berro, de onde estou. Presidente estende a mão a pedir calma: não há azar. Na mesma enfermaria, encontra-se outro doente, a que os visitantes dão esmolos por estar na verdade muito doente. Ele tem uma caixa de papelão ao pé de si que se enche todos os domingos. Presidente também arranhou uma caixa idêntica, a ver se ganhava mais dinheiro. Estes rapazes querem sempre mais. Que faz o Presidente para conseguir tal? Coloca-se à janela e mal vê gente a dirigir-se para o hospital, mete-se muito depressa na cama, faz uma cara muito doente e o certo é que, ontem, domingo, chamou por mim à noitinha, e mostrou-me a caixa a transbordar: ganhei ó João. Ora vejam os senhores a força deste Presidente.

Eu ralhei. Eu pintei a macaca ao pé dele e disse-lhe que não quero fingimentos aqui em casa. Era duma vez um hospital de certa Comarca, que pedira um subsídio oficial, alegando afluência de doentes. O subsídio veio. Pouco tempo depois anunciava-se uma visita oficial: Ministro, Governador Civil, Presidente da Câmara, representante do Sr. Bispo, Legião, Mocidade, Caixas, Sindicatos tudo. Mas não havia doentes. Infelizmente, naquela maré, existiam apenas dois doentes na casa. Foi então que a Mesa se lembrou de dar ordens ao pessoal para que às tantas pusessem cara doente e fossem todos para a cama; e assim aconteceu, menos os enfermeiros. Estes tinham naturalmente de ficar fora para tratar os doentes. Ora foi por causa destas que eu sei e doutras que tu sabes, que eu ralhei ó Presidente.

## NO PRELO

### «ISTO É A CASA DO GAIATO»

Colectânea de artigos de maior projecção publicados na 4.ª página de «O Gaiato».

Obra original, que interessará vivamente milhares de leitores. Que assim será, prova o elevadíssimo número de pedidos que diariamente e constantemente recebemos.

Para se inscrever como pretendente à aquisição desta obra, basta enviar-nos o seu pedido, num simples bilhete postal, dirigido à

TIPOGRAFIA  
DA CASA DO GAIATO  
PAÇO DE SOUSA

# NOTÍCIAS DA CASA DE LISBOA

**N**O dia de S. Pedro houve aqui uma festa surpreendente. Eram foguetes, bombas, girândolas e muitas bichas de rabear.

Cada qual apanhou o mais que pôde.

Acendemos muitas pinhas com que alumiamos o palácio de D. João V (ruínas é claro.) Acendemos duas fogueiras no átrio e todos saltavam por cima delas. A gente de fora atraída pelo lume veio assistir à festa. Mas os foguetes e as bichas eram tantas que cada um fugia para onde podia. Dois foguetes ainda partiram os vidros das camaratas mas não causaram mais prejuízos. A gente de fora diz que nunca tinha visto uma coisa tão linda e nós também podemos dizer que nunca tivemos uma festa de S. Pedro tão cheia de alegria.

**C**ORRERAM muito bem os exames deste ano. 7 rapazes fizeram exame da 3.ª classe; foram o Sapo da Ericeira; Caveira do Porto; Joaninha de Lisboa; Folgozinho da Serra da Estrela; o Entroncamento; Tarzan de Lisboa; e o Pé-Leve de Lisboa. Da 4.ª Classe fiz eu Carlos

Alberto, o Mário Mendonça, o João Henriques e Rafael dos Santos. O Mendonça ficou distinto e os outros todos ficaram bem.

Os Professores estavam tão admirados que nem queriam crer que nós fôssemos rapazes da rua. Houve um dos Professores que me pediu laranjas mas eu disse que ainda estavam verdes e não se podiam comer. O Professor que estava contente comigo perguntava-me qualquer coisa e dizia também que eu lhe queria dar laranjas verdes. Outro Professor também me perguntou que deveres eu tinha para com os meus superiores. Eu respondi que era tratá-los sempre bem e fazer tudo o que eles me mandem. E o Professor disse; se me mandassem deitar a um poço se eu também ia. Eu disse que os meus Superiores não me mandavam fazer coisas contra a lei de Deus.

**E**STOU a fazer as notícias em S. Julião da Ericeira. Temos cá uma colónia de férias

POR

CARLOS ALBERTO

com 20 rapazes; que vão ser substituídos por outros até que calhe a vez a todos. Já nos deram açúcar, e sacos com bacalhau e muitas outras coisas, como hortaliça, etc quase tudo dado. Esta colónia é muito boa; come-se muito bem, dorme-se bem, brinca-se bem, faz-se as obrigações bem. Isto é uma delícia.

Todos gostam de vir para cá, mas quando se vão embora ficam tristes com pena que o tempo se passe tão depressa. Em vez de serem 15 dias devia ser um mês.

COISAS ENGRAÇADAS. Por experiencia sabemos que os nossos estimados leitores gostam de saber e apreciar as habilidades dos nossos rapazes, o que para nós se torna muito agradável publicá-las aqui no FAMOSO:—O Virgílio que é o que está entregue aos patinhos pequenos, tem dado boa conta deles, embora já tenham morrido alguns... Aqui há dias um dos miudos sem querer es-

tava a pisar um deles e o Virgílio vendo-o a piar, pôs as mãos à cabeça e começou a chorar em voz alta:—Ai o meu patinho que morre desta.—Outro dia encontrei o Rui de 2 anos apenas, que é o mais pequeno cá da Casa, a gritar pelo Girafa o refeiteiro. Tinha um prato de batatas com bacalhau à sua frente, mas faltava-lhe alguma coisa, a qual ele tão pequeno reclamava.— Não tem azeite! Não tem azeite!...

—Os rapazes do exame andam cheios de cólicas. Os da 3.ª classe que eram 7 já se safaram. Agora faltam os da 4.ª classe que se Deus quiser também ficarão bem.

Um deles fez este ano a 3.ª.

## ATENÇÃO

Um assinante está a gritar pelos números 44, 103, 110 e 111.

Quem acode?